
Mídias, leitura e a terapia dos livros: o papel do biblioterapeuta como agente produtor de sentido¹

Taynée Mendes VIEIRA²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Este artigo explora a prática da biblioterapia sob a ótica da comunicação e da história do livro. Considera se a recomendação terapêutica de uma obra pode ser vista como uma prática de leitura distinta e se a biblioterapia pode ser um objeto de estudo da Comunicação, utilizando o livro como mídia para tratamento questões relacionadas à saúde mental. Além disso, investiga como os aspectos materiais do livro podem influenciar o tratamento biblioterapêutico. Para abordar essas questões, o artigo discute conceitos de leitura, texto e livro, analisa o significado dos livros na contemporaneidade e a relevância da biblioterapia, incluindo como metodologia uma entrevista em profundidade com um biblioterapeuta para compreender o funcionamento das sessões a partir da perspectiva do facilitador.

PALAVRAS-CHAVE: biblioterapia; história do livro; materialidade; impresso; digital

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir sobre se a prática da biblioterapia pode ser compreendida a partir da perspectiva da história da leitura. A recomendação terapêutica de uma obra pode ser considerada uma entre muitas práticas de leitura? A biblioterapia pode ser objeto de estudo da Comunicação, já que utiliza a mídia livro como referência para seu trabalho? Entender as possibilidades e limitações dos aspectos materiais do livro pode de alguma forma impactar o tratamento biblioterapêutico? Essas são algumas das questões que norteiam este artigo.

No campo da história do livro, entende-se que a leitura não está inscrita no texto, e sua significação não depende exclusivamente do seu autor, mas antes ler é uma atividade de invenção, de uso e da interpretação que pode ser feita por seus leitores (CERTEAU, 1998). Por outro lado, um texto só existe porque há um leitor para conferir-lhe significado.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, participante do Laboratório de Investigação de História da Comunicação da UERJ, e-mail: taynee.mendes@gmail.com .

Nesse sentido, Cavallo e Chartier (1998, p. 6) acreditam que a tarefa dos historiadores da leitura seria a de reconstruir, em suas diferenças e singularidades, as diversas maneiras de ler que caracterizaram as sociedades. Os autores acreditam que reconstruir as dimensões históricas da leitura exige, em primeiro lugar, considerar que “suas significações dependem das formas e das circunstâncias por meio das quais textos são recebidos e apropriados por seus leitores (ou seus ouvintes)” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 6). Se entendemos que as formas do texto se referem às materialidades do livro (manuscrito, impresso, digital em seus inúmeros suportes), neste artigo nos interessa analisar o segundo aspecto, isto é, as circunstâncias de recebimento e apropriação de um texto. Nesse sentido, a biblioterapia pode ser compreendida como um espaço de apropriação e leitura de um texto para fins terapêuticos.

Se a apropriação das obras é feita por seus leitores durante as sessões de biblioterapia, que papel teria o biblioterapeuta nesse processo? Como podemos entender esse profissional como mais um agente que também contribui para a criação de sentido para uma obra? Se a história da leitura é feita a partir de coerções e liberdades – para usar os termos de Cavallo e Chartier (1998) – que tipo de coerções e liberdades estariam atuando em uma sessão de biblioterapia?

Na tentativa de abordar ao menos algumas dessas questões, recorreremos primeiramente a algumas concepções sobre o que é leitura, texto e livro. Em seguida, procuraremos compreender os sentidos dos livros atualmente e a relevância da biblioterapia em uma sociedade obcecada por desempenho. Por último, analisaremos uma entrevista com um biblioterapeuta sobre seu trabalho a fim de entender como funcionam as sessões a partir de seu facilitador.

LEITURA, MATERIALIDADES E SENTIDO

Podemos dizer que leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata, mas antes “é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros” (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 8). Os autores reconhecem que a história da leitura tem um duplo objetivo: primeiro, “reconhecer coerções que limitam a frequência aos livros e a produção de sentido”; segundo,

inventariar recursos mobilizáveis pela liberdade do leitor – uma liberdade sempre inscrita no interior de dependências múltiplas, mas que está em condições de ignorar, deslocar ou subverter os dispositivos destinados a reduzi-la (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 37).

No entanto, sendo o leitor um agente possuidor de certa liberdade ao conferir sentido ao texto (CERTEAU, 1998) esta liberdade não é total, depende de formas expressivas que delimitam a produção de sentido. McKenzie (1999, p. 60) acredita que o formato livro pode ser uma dessas formas expressivas, reconhecendo que “nenhum texto de qualquer complexidade produz um sentido definitivo”. Ele é contra a ideia de um texto “contido”, seja na forma de manuscrito, livro, mapa, filme, ou arquivo armazenado em computador, tratando-se de uma “ilusão” (McKENZIE, 1999, p. 60). Essa concepção só seria problemática se pensarmos no sentido com algo absoluto e imutável. Na verdade, “mudança e adaptação são condições de sobrevivência, assim como o uso criativo dos textos é a condição para que sejam lidos” (McKENZIE, 1999, p. 61).

Price (2013) propõe uma distinção útil entre “texto” (*text*, no original, sequência de vocábulos ordenados de forma linear) e “livro” (*book*, no original, objeto físico material que permite encarnação do texto). O físico aqui também contempla o digital que possui suas materialidades, embora muitas vezes seja compreendido com algo imaterial incorpóreo, tema tratado alhures (VIEIRA; GONÇALVES, 2018). Cavallo e Chartier (1998, p. 9) alertam: “...devemos lembrar que não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido).”

LIVROS COMO REMÉDIOS

De acordo com Price (2019), os livros impressos não são um meio antigo, mas um formato que está sendo reinventado por seus leitores e que, nesse sentido, apresenta mais continuidades do que rupturas com a tradição de novos formatos por mais de meio milênio. Recentemente, vemos os livros impressos assumirem um novo *hype* – vide a popularidade dos chamados *booktubers* e *bookstagramers* com seus impressos de capas lindíssimas. Mas o que explica a relevância ou mesmo a fetichização dos impressos hoje? Para Price (2019), podemos estar buscando refúgio das agitações tecnológicas e apelos comerciais de produtos, de pessoas e lugares, da nossa própria doença e fraqueza.

Para ela, tratar o livro como uma espécie de bunker pode sabotar seu potencial enquanto objeto de relação com o mundo social, não apenas com o mundo representado pelas palavras, mas com o mundo de outros seres humanos que

fizeram ou transmitiram o objeto em si (PRICE, 2019, Introdução, *todas as traduções são nossas*).

Ensaístas da era digital costumam idealizar os livros apenas por uma imagem que a história do livro costuma colocar em dúvida: a do leitor solitário, que comprou um romance e que lerá o livro da primeira à última página. No entanto, como demonstram Cavallo e Chartier (1998, p. 11), a leitura já foi predominantemente uma atividade coletiva na Grécia Antiga. Ilustrações áticas mostram principalmente homens, mas depois também mulheres, participando do ato da leitura em contextos recreativos. Ademais, a leitura silenciosa já foi relacionada ao formato códice, tema tratado em outro trabalho (VIEIRA; GONÇALVES, 2020). Nesse contexto, Price afirma que “a leitura começou a ser vista como uma panaceia” (PRICE, 2019, Introdução).

Price (2019) defende ainda que diferentes períodos históricos não produzem apenas diferentes tipos de livros, geram também novas formas de tratar os livros – novas suposições sobre quais aspectos desses objetos físicos merecem a atenção dos leitores. O que as tecnologias digitais estão criando de radicalmente novo seriam nossas ideias sobre a leitura.

As ferramentas digitais podem não estar revirando nossas práticas de leitura de forma mais dramática que outras inovadoras formas de impressão fizeram. O que estão revolucionando são nossas ideias sobre leitura. No processo, estão refazendo o passado impresso (PRICE, 2019, Cap. 1).

E ainda acrescenta:

A leitura de livros se tornou um retiro do blá-blá-blá digital (tão absoluto como entrar num monastério), um protesto contra a sociedade de consumo (tão ousado como subir em barricadas), uma terapia para cérebros corredores e pulsões descontroladas (PRICE, 2019, Capítulo 2).

Em um contexto de aumento de problemas relacionados a saúde mental, o que nos torna doentes é “o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho” (HAN, 2019, p. 27). Assim, não surpreende a busca por terapias alternativas, e a biblioterapia passa ser uma opção para quem gosta de ler. No entanto, essa visão positiva da leitura de livros como forma de tratamento para questões relacionadas à saúde mental é recente. Conforme tratado em outro artigo (VIEIRA, 2021), romances já foram proibidos por igrejas, escolas e bibliotecas públicas no século XIX, sendo motivo de preocupação por causar problemas de concentração e de atenção, ou

atuar como sedativo em crianças no início do século XX. Hoje, ao contrário, a ausência de histórias impressas é vista como uma ameaça à saúde e ao desenvolvimento da criança. “Por fim, no século XXI, assistimos à valorização do meio, do papel e da tinta, seja qual for a mensagem que ele carregue, como capaz de curar o corpo e a mente” (PRICE, 2019, Cap. 4).

O TRABALHO DO BIBLIOTERAPEUTA

Para entender o trabalho do biblioterapeuta como agente no processo de leitura em sessões de biblioterapia, usamos como metodologia a pesquisa qualitativa com uma entrevista em profundidade. Encontramos o perfil de Daniel Marques, professor e biblioterapeuta da The School of Life (TSOL), em São Paulo, uma organização global fundada pelo filósofo e autor suíço Alain De Botton, cuja missão é ensinar inteligência emocional a adultos. Formado em Psicologia e Filosofia pela Universidade de São Paulo, Daniel pesquisa a área da Fenomenologia e faz doutorado na mesma instituição. Na TSOL, conduz sessões de biblioterapia e psicoterapia comportamental com influência da fenomenologia e do existencialismo. Para este artigo, realizou-se uma entrevista a partir de um roteiro semiestruturado de perguntas sobre seu trabalho por meio de áudios de WhatsApp, em virtude da falta de tempo do profissional para uma entrevista presencial.

Segundo tese de doutorado que investigou os métodos da TSOL aplicados nas organizações, a escola foi concebida para ajudar as pessoas a encontrarem calma, autoconhecimento, superação e conexão, especialmente em tempos difíceis – que podem ser caracterizados por “um cenário complexo de relações e motivações intersubjetivas, subordinadas a uma implacável evolução tecnológica e tensionadas por um novo liberalismo social e econômico” (BRASIL, 2023, p. 7). Nota-se a ênfase na tecnologia no processo.

O próprio fundador da escola, Alain De Botton, costuma associar literatura e terapia em suas publicações. Um exemplo é o título *Como Proust pode mudar sua vida*, publicado em 1997, em que o autor explora trechos da vida e obra do escritor francês com o objetivo de extrair lições sobre variados assuntos como relações de amizade, amor, expressão dos sentimentos, etc. A TSOL parece ser uma extensão prática desse trabalho do escritor.

Em uma sociedade do cansaço obcecada por desempenho – para usar os termos de Han (2019) – e caracterizada pela ubiquidade das mídias digitais que intensificam a

“separação, desempoderamento e o desmantelamento da comunidade” (CRARY, 2023, Cap. 1), organizações como a TSOL assumem cada vez mais relevância. Não é coincidência que algumas das motivações que levam uma pessoa a buscar a biblioterapia, segundo Daniel, são questões relacionadas ao trabalho, conforme veremos mais adiante.

Passemos a analisar o perfil de Daniel e entender como chegou a atuar com biblioterapia. Natural da cidade de São Paulo, Daniel conta que cresceu em um ambiente religioso. Seus pais eram pastores evangélicos, e a leitura da Bíblia era obrigatória durante sua infância. No entanto, na sua visão, ler o texto sagrado lhe proporcionou algumas vantagens: aumentou seu vocabulário e possibilitou o contato com questões metafísicas desde muito cedo.

Desde novinho, eu comecei a ler a Bíblia. Era uma criança meio esquisita: eu ficava lendo a Bíblia no recreio, não tinha outros amigos, hoje em dia mudou muito, já não sou religioso, mas isso criou uma relação curiosa com a leitura. Esse fanatismo teve lados positivos, como por exemplo meu vocabulário aumentou bastante e acabei aprendendo muito desde jovem sobre questões metafísicas, as mais abstrusas da existência humana, ou seja, despertou um tanto dessa curiosidade por responder a essas questões (DANIEL).

Foi também a partir da leitura da Bíblia que descobriu o gosto pela literatura. “As partes chatas da Bíblia me fizeram achar outras leituras maravilhosas em comparação”, relata. Também diz que os livros exerceram um certo papel de refúgio na escola para não precisar interagir com outros alunos.

Na escola, eu era antissocial. Então, leitura sempre foi um refúgio, se eu abrisse um livro eu sabia que ninguém ia me encher o saco, e era uma coisa que eu gostava. Nunca gostei de ler por obrigação, inclusive lia livros da escola fora da hora da escola. Por exemplo, quando estava na quarta série e sabia que os da oitava estavam lendo Dom Casmurro, eu pegava na biblioteca o livro para ler, sem nenhuma imposição(DANIEL).

Nota-se que esse aspecto do livro como refúgio ou mesmo fuga do convívio social, conforme apontado por Price (2019), é algo recorrente em sua fala e espelha a visão dessa atividade nos dias atuais. Nota-se a diferença dos contextos recreativos da leitura na Grécia antiga, por exemplo.

Em 2018, começou a trabalhar como biblioterapeuta na TSOL. Ele mesmo sugeriu o serviço no Brasil, quando soube que em Londres a biblioterapia funcionava apenas como uma curadoria literária, e não era feito por psicólogos especialistas no tema. Assim,

ele, que já atendia como psicoterapeuta na instituição, passou a oferecer também algumas sessões de biblioterapia que, diferente das sessões de psicoterapia, não precisa de um acompanhamento periódico, são mais pontuais. Muitas pessoas recebem sessões de presente dos amigos.

O presente é uma modalidade popular na TSOL, mas muitas pessoas também procuram para si, por vários motivos: solidão, depressão, ansiedade, insatisfação com o trabalho, busca por autoconhecimento, busca por um sentido para vida. Também atendo muitas pessoas mais velhas que estão num momento de se reinventar, porque se aposentaram ou porque estão mudando de carreira.

Pela própria natureza do trabalho, é difícil saber se a recomendação literária ajudou, de fato, o paciente. Como as sessões são pontuais, Daniel relata que não consegue acompanhar as mudanças na vida do paciente, exceto quando também é paciente de psicoterapia.

Se a pessoa está pensando em sair do trabalho, sair de ou entrar em um relacionamento, as indicações de leitura frequentemente ajudam a introduzir esses assuntos, a lidar com eles, e, por último, a tomar uma atitude. Outro ponto relevante é a aceitabilidade dos tratamentos, então, às vezes não é apenas sugerir uma mudança de atitude, mas se pessoa ler a respeito pode ajudar a dar esse impulso para fazer uma mudança (ou não) (DANIEL).

Aqui a liberdade do leitor, da qual nos fala Cavallo e Chartier (1998) é imperiosa frente à sugestão do profissional.

Daniel acredita que o tratamento com livros nunca será negativo, mesmo que a pessoa decida não realizar a mudança que buscava.

Muitas vezes, minhas recomendações não são necessariamente no sentido de ‘olha esse livro vai mudar sua vida’, não, às vezes, será só um livro que a pessoa vai gostar de ler. Aí a mudança não será algo tão perceptível assim na vida da pessoa, pode ser só uma leitura agradável. Isso também acontece bastante (DANIEL).

Para ele, os livros possuem muitas funções terapêuticas. Uma delas está no processo de “dessensibilização sistemática”, isto é, método terapêutico utilizado para tratar fobias. eliminando comportamentos de medo e evitação. Recorremos à área da Psicologia Comportamental para encontrarmos uma definição.

[...] dirigir um carro é um evento (um estímulo extremamente aversivo), e ele tenderá sempre a se esquivar de tal situação. No entanto, ver fotos de carros, de pessoas dirigindo, imaginar-se dirigindo, entrar em um carro e não dirigir, dirigir

em locais desertos e dirigir em baixa velocidade talvez sejam estímulos que gerem menos medo (menos aversivos); portanto, tenham menor probabilidade de evocar um comportamento de esquiva. Logo, poderíamos expor o indivíduo gradualmente a esses estímulos até que ele voltasse a dirigir tranquilamente seu carro. Acabamos de utilizar a técnica conhecida como dessensibilização sistemática. (MOREIRA; MEDEIROS, 2018, p. 93)

Da mesma forma, na psicoterapia comportamental, falar sobre os problemas, sobre as situações vivenciadas, passa a ser uma forma de dessensibilizar e de aprender maneiras melhores de lidar com esses temas.

É aí que os livros podem cumprir um papel sensacional nesse processo [de dessensibilização sistemática]. É muito difícil para uma pessoa que passou por um trauma sério falar sobre o trauma. Ela pode ter dificuldade de se abrir, enquanto ler a respeito pode ser uma forma de entrar em contato com isso. Você pode parar de ler, por exemplo, na hora que você quiser ou ler mais. (DANIEL)

Notamos que a autonomia do leitor para continuar ou não a leitura é parte importante do processo de biblioterapia.

Com duração de 50 minutos, as sessões de biblioterapia na TSOL iniciam-se a partir do preenchimento prévio de um formulário por parte do paciente, em que constam perguntas sobre hábitos de leitura (autores e livros favoritos, gêneros de preferência, estilos literários, etc) e também perguntas sobre algum tipo de situação que seja motivo de preocupações no momento. Com essas informações, Daniel prepara-se para as sessões e procura fazer perguntas tipicamente abertas como “Como você chegou aqui?” e “Por que agora?”. O objetivo é que o paciente traga mais informações sobre a situação que o preocupa para ele verificar se as recomendações de livros preparadas de antemão fariam sentido.

Às vezes, as pessoas estão procurando mais uma curadoria mesmo, algo que elas vão gostar de ler e, às vezes, elas estão procurando alguma ajuda para lidar com alguma situação. Então, dependendo do caso, a gente fica mais nos gostos literários, o que a pessoa já leu, o que ela gostou ou não, nos autores de que ela gosta, ou focamos mais na situação que a pessoa está vivendo. Eu prefiro deixar a pessoa trazer o que está incomodando, o que ela está buscando. Também acontece, por exemplo, de ter pessoas que não são leitores, mas querem começar. Conforme o perfil, vou sugerindo títulos que ela possa gostar de ler (DANIEL).

Também faz parte do trabalho do biblioterapeuta, de fato, ler os livros indicados. Daniel diz que costuma indicar 90% de livros que ele já leu ou, no mínimo, ter dado uma “folheada”. Por exemplo, no caso de lidar com o luto, para ele, há diferentes possibilidades de indicação, porém depende do tipo de leitura que o paciente gosta.

Alguns livros mencionados para tratar o luto foram os seguintes: *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe; *Notas sobre o luto*, de Chimamanda Ngozi Adichie; *Carta a D.*, de André Gorz; e, *O luto é um elefante*, um livro infantil ilustrado de Tamara Ellis Smith e Nancy Whitesides. Para ele, a conversa sobre as preferências literárias do paciente é o que vai definir a recomendação final da sessão.

De acordo com Daniel, as muitas possibilidades de suporte e diferentes formatos para ler um livro hoje são facilitadores no acesso à leitura. O foco terapêutico pode estar tanto no texto de um livro (*text*, para usar os termos de Price, 2012) ou simplesmente no ato de ler, independentemente do suporte.

Você pode ler um livro no Kindle ou pode ouvir um audiolivro. Pode ler um livro clássico no seu celular. Então, não diria que são os livros que possuem esse efeito terapêutico no sentido material, né, agora podem ser os livros no sentido do conteúdo dos livros (DANIEL)

Ele também estaca o valor terapêutico no ato da leitura.

Há pesquisas a respeito do papel da leitura no alívio do estresse, no sono e ler em muitos contextos pode ajudar ao menos tanto quanto várias técnicas de relaxamento. A leitura até tem esse papel prático na hora mesmo quando você lê e isso te faz bem (DANIEL).

Apesar de ele afirmar que foco é o texto do livro no sentido de “o conteúdo”, o meio impresso pode ser relevante em algumas situações.

Depende do que a pessoa está procurando, se um paciente tem questões com o uso intenso de redes sociais ou com o uso demasiado de aparelhos eletrônicos, então o impresso pode proporcionar um meio melhor para a leitura. Tentar reforçar a leitura em um livro físico pode ser uma forma de ajudar a reduzir o uso de aparelhos eletrônicos (DANIEL).

CONCLUSÃO

Chegamos a quatro conclusões. A primeira delas é que terapias como a biblioterapia ganham cada vez mais relevância na contemporaneidade, principalmente se tensionamos a visão do livro – notadamente, o impresso – como refúgio de uma vida acelerada. Compreendendo a mídia livro como um recurso terapêutico, a relação entre mídia e bem-estar pode ser uma questão a ser aprofundada no campo da Comunicação, da Produção Editorial e da História do Livro. Como editar e produzir um livro com fins terapêuticos a partir de sua materialidade? Qual é o papel da materialidade do livro na terapia? Além do editor, quais outros profissionais poderiam estar envolvidos nessa

produção? Em termos de mercado, os livros de autoajuda e as sessões de biblioterapia parecem partir de um mesmo ponto – dilemas e desesperanças da vida moderna –, porém atingindo públicos distintos – até mesmo pelos valores cobrados.

A segunda conclusão é a de que o biblioterapeuta atua como mais um agente que auxilia na construção do sentido do livro para seu leitor que também é um paciente, embora se valha da liberdade do leitor no processo. Nesse sentido, por mais que haja a recomendação de um livro pelo profissional de biblioterapia, as preferências literárias do paciente e até mesmo se fará a leitura ou não são fatores que evidenciam a sua autonomia, em contraposição à figura por vezes idealizada de um leitor passivo, que lerá o livro da primeira até a última página e terá sua vida transformada a partir disso. Ler um livro por lazer é diferente de ler um livro indicado para tratar alguma questão de saúde mental. A motivação para essa leitura será diferente (ainda que muitas vezes possa não gerar efeitos práticos, como a resolução de problemas).

A terceira conclusão espelha a visão da leitura como uma atividade positiva no geral, que não gera qualquer dano atualmente. Se historicizarmos essa visão, no passado nem sempre foi a assim, pois a leitura de romances, por exemplo, já foi desaconselhada pela medicina tradicional. Nesse sentido, seria útil aos estudos de História do Livro as diferentes concepções e imaginários que os livros (ficção ou não ficção) proporcionariam em diferentes momentos históricos, principalmente como diferentes mídias (novas ou velhas) revisitam e reformulam tais visões.

Por fim, nas sessões ainda há uma preponderância do aspecto *texto* em detrimento do *livro*, embora no momento haja indícios de que o suporte impresso começa a ser considerado para alguns pacientes, especialmente os que relatam cansaço ou mesmo vício no digital, que certamente não são poucos. Por exemplo, o aspecto material que parece ser evidente nos livros infantis, nos livros para adultos acaba não sendo totalmente considerado. Nota-se que há espaço para que os biblioterapeutas possam explorar mais esse recurso material em seus atendimentos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Marcos Pompeu de Sousa. **Emoção, trabalho e liderança nas organizações: possibilidades de educação emocional a partir da "The School of Life"**. 2023. Tese Doutorado em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2023. Disponível em: <https://biblioteca.sophia.com.br/terminalri/9575/acervo/detalhe/129446> Acesso em 25 de junho de 2024.
- CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. Vol.1.

-
- São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CRARY, Jonathan. **Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. Ubu Editora, 2023. (E-book)
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2ª edição ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. (E-book)
- McKENZIE, Donald Francis. **Bibliography and the Sociology of Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MOREIRA, Márcio Borges; DE MEDEIROS, Carlos Augusto. **Princípios básicos de análise do comportamento**. Artmed, 2018.
- PRICE, Leah. **What we talk about when we talk about books: History and Future of Reading**. New York: Basic Books, 2019. (E-Book)
- PRICE, Leah. **How to Do Things with Books in Victorian Britain**. Princeton & Oxford: Princeton University Press, 2012.
- VIEIRA, Taynée Mendes; GONÇALVES, Márcio Souza. "De volta para o futuro: tecnologias e agenciamentos entre livros e leituras." **Revista Brasileira de História da Mídia**, volume 9 número 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.9220209462> Acesso em 25 de junho de 2024.
- VIEIRA, Taynée Mendes. A terapia dos livros: leituras, mídias e bem-estar. In: Anais do Congresso Nacional da Intercom, 43., 2021, Online. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-pe/tainee-mendes-vieira.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- VIEIRA, Taynée Mendes; GONÇALVES, Márcio Souza. "Sentidos do livro: impresso e digital, material e imaterial". **41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação – Intercom 2018, Joinville**. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018>. Acesso em: 19 de junho de 2024.